

CONHECIMENTO TÁCITO DE MICHAEL POLANYI

POLANYI, Michael. *A Dimensão Tácita*. Tradução de Eduardo Beira. Portugal: Inovatec, 2010.

Álvaro Vitor dos Santos¹

Michael Polanyi (1891-1976) foi um dos grandes filósofos da ciência do século XX. Depois de uma carreira brilhante em físico-química, Polanyi se voltou para a filosofia, refletindo sobre o tema da liberdade². Logo após iniciar as raízes mais profundas da crise do século passado, entrou em cheio na filosofia da ciência, tendo influenciado nomes de peso como Thomas Kuhn e Paul Feyerabend. Polanyi fez duras críticas ao ideal positivista da ciência e desenvolveu uma reflexão sobre o conhecimento científico na qual o processo de descoberta é entendido como uma parte integral do processo de justificação.

O seu principal contributo é a noção de conhecer tácito que é introduzida na sua obra seminal, *Conhecimento Pessoal*³, e revisitada no livro *A dimensão tácita*. Neste livro Polanyi oferece as razões que justificam o conhecimento tácito. Com base nas descobertas feitas pela psicologia das formas (Gestalt), ele elabora as noções de *proximal* e *distal* como componentes estruturais do conhecer tácito. No ato de conhecer tácito habitamos o conteúdo subsidiário de um objeto para reconhecer o seu elemento focal, a entidade compreensiva.

Consideremos, por exemplo, o reconhecimento da face de uma pessoa. Ao fixarmos nosso olhar sobre o rosto de alguém que conhecemos, vemos que se trata daquela pessoa familiar. Argumenta Polanyi, está ali presente o formato do nariz, o formato dos lábios, a cor dos olhos, que são os componentes subsidiários que possibilitam o reconhecimento do conteúdo focal. Desse modo, estamos conscientes somente em parte das características particulares para poder apreender o significado do todo.

¹ Aluno de graduação em Filosofia pelo Instituto de Filosofia do Seminário Provincial Sagrado Coração de Jesus, Diamantina-MG. E-mail: alvarovitor2017@gmail.com

² Cf. POLANYI, Michael. *A Lógica da Liberdade*: reflexões e réplicas. Rio de Janeiro, Topbooks, 2003. E ainda: _____ . *O desprezo pela liberdade*: A experiência russa e depois. Trad. Eduardo Beira. Inovatec: Portugal, 2020.

³ Cf. _____ . *Conhecimento Pessoal*: por uma filosofia pós-crítica. Trad. Eduardo Beira. Inovatec: Portugal, 2013.

Polanyi também oferece como exemplos de integração tácita – habitar um objeto como prolongamento ou parte integral do corpo para conhecer um outro – usar uma sonda para explorar uma caverna, um cego que utiliza uma bengala para reconhecer as coisas à sua volta e o martelar um prego. Ao ter em mãos alguma ferramenta não estamos interessados no impacto que ela gera em nossa mão, mas antes queremos receber as informações advindas da ponta desse objeto, que nos possibilita reconhecer um outro. Portanto, usamos a sonda, o martelo ou uma bengala como extensões do nosso corpo, o que constitui uma integração da ferramenta ao nosso corpo, para que possamos explorar um outro.

Esse ato de integração ocorre implicitamente e não seria possível se nossa atenção estivesse focada nos impactos que são gerados pelos instrumentos em nossa mão. O mesmo ocorre quando um pianista e um marceneiro utilizam suas ferramentas integradas a seus corpos. Um pianista não está interessado em prestar atenção em cada toque do seu dedo na tecla, mas sim no som harmonioso que pode ser produzido pela combinação de notas. Também o marceneiro não está com sua atenção focal direcionada ao choque do martelo em sua mão, mas o usa como uma parte de seu corpo com o fim de obter seu objetivo que é pregar.

Na epistemologia contemporânea, é habitual distinguir entre, pelo menos, três tipos de conhecimento: (1) o conhecimento por contato: ocorre quando o agente epistêmico está em contato direto com a porção de realidade conhecida através da experiência (e.g. o João conheceu pessoalmente a cidade de Diamantina); (2) o conhecimento proposicional: ocorre quando o agente epistêmico conhece uma proposição verdadeira acerca do mundo (e.g. o João sabe que a proposição “a neve é branca” é verdadeira); e (3) o saber-fazer (conhecimento prático): é o conhecimento de uma competência hábil (e.g. o João sabe andar de bicicleta).

Embora não use esses termos, os exemplos acima mostram que Polanyi reconhece não só que o conhecimento por contato e o saber-fazer são formas de conhecimento implícito em que podemos saber mais do que somos capazes de transmitir (o que não é surpreendente), mas também encara o próprio conhecimento proposicional como uma forma de competência prática, um saber-fazer que envolve uma habilidade similar à percepção e que requer não só talentos específicos como também amadurecimento e treino da parte do agente epistêmico. Isso explicaria por que alguns cientistas possuem maior facilidade para ter *insights*, ainda que não sejam capazes de transmitir tal habilidade, ou por que alguns médicos são mais habilidosos ao realizar diagnósticos a partir de sintomas. A atividade proposicional em geral é similar à atividade perceptiva.

O livro traz ainda uma abordagem sobre a descoberta na ciência. Para que uma descoberta seja grandiosa ela precisa ser imperceptível aos olhos destreinados das pessoas comuns. Einstein, por

exemplo, foi o único a perceber a relatividade da velocidade da luz e elaborar uma teoria que pudesse oferecer justificção àquilo que somente ele estava a perceber. Outro exemplo marcante na história da ciência foi a descoberta da penicilina por Alexander Fleming (1881-1955). Além disso, para que uma descoberta seja autêntica é necessário o compromisso pessoal do explorador com as suas consequências. O cientista deve fazer dela sua regra de vida, ter uma espécie de obsessão para levá-la adiante, rever e melhorar.

Porque o processo de conhecimento exige a participação ativa e responsável do agente epistêmico, Polanyi argumenta que ele carrega em si dimensões implícitas fundamentais e impossíveis de serem reduzidas às ideias claras e distintas e ao ideal empirista e positivista da ciência. Ele se coloca em contraste com esse ideal, que tenta tornar a ciência um processo meramente metódico, impessoal e mecânico passível de repetição sem qualquer compromisso e responsabilidade epistêmica. Polanyi enfatiza a importância dos poderes intelectuais do cientista, fundamentados no conhecer tácito, e certamente seria hoje um crítico da *Big Science* e sua ênfase exagerada na manipulação impessoal de grandes bancos de dados. Como já anunciava o próprio autor, o ideal de desligamento entre ciência, valores e crenças pessoais é uma travanca contra o progresso científico que foi desmentida pelos momentos mais produtivos das ciências em sua história.

A dimensão tácita é uma obra madura de Polanyi e os termos mais difíceis de compreensão (distinção tácito e explícito, focal e subsidiário, distal e proximal) aparecem bem esclarecidos. Nesta obra, que pode ser considerada como de grande valor para a filosofia da ciência e epistemologia contemporâneas, estão presentes críticas sólidas de alguém que trabalhou nos laboratórios e campos de pesquisa. Alguém que compreende com profundidade o quão determinante é a dimensão tácita na prática científica e questiona fortemente as caricaturas que fizeram da ciência no século passado em vistas de totalitarismos.

Polanyi não imagina a sua concepção de conhecimento tácito do conforto de sua cadeira, pois ela é reforçada a partir de inúmeros exemplos e experimentos da psicologia (e.g., os experimentos de subcepção de Lazarus e McCleary). Por outro lado, é certo que precisa ser traduzida para o vocabulário contemporâneo e submetida ao escrutínio crítico de qualquer referencial teórico digno de peso